

PROFESSORA: Luciane Ribas de Andrade -

luciane-randrade@educar.rs.gov.br

ÁREA das LINGUAGENS

DISCIPLINA: Literatura Brasileira

ANO/SÉRIE: 3ª

ATIVIDADE REFERENTE AO MÊS/PERÍODO DE: 1º a 30 SETEMBRO/2021

NOME DO ALUNO: _____

TURMAS: A, B, C, D, E, F, G, H, I e J

PRE-MODERNISMO
SÉCULO XX 1902/1922

↳ *Literatura de transição.*

↳ *Preocupação com o estudo e com a observação da realidade brasileira.*

O Pré-Modernismo não constitui uma escola literária, mas um período de intensa movimentação que marcou a transição entre o simbolismo e o modernismo. Caracteriza-se pelas produções que vão do início do século XX até a Semana de Arte Moderna, em 1922.

Trata-se de uma arte bem diversificada, que reúne um "sincretismo estético", com a presença de características neorrealistas, neoparnasianas e neossimbolistas.

Características do Pré-Modernismo:

- Ruptura com o academicismo;
- Ruptura com o passado e a linguagem parnasiana;
- Linguagem coloquial, simples;
- Exposição da realidade social brasileira;
- Regionalismo e nacionalismo;
- Marginalidade das personagens: o sertanejo, o caipira, o mulato;
- Temas: fatos históricos, políticos, econômicos e sociais.

→ o interesse pela realidade brasileira: Aos escritores pré-modernistas, ao contrário, interessavam assuntos do dia-a-dia dos brasileiros, originando-se, assim, obras de nítido caráter social.

→ a busca de uma linguagem mais simples e coloquial: embora não se verifique na obra de todos os pré-modernistas, essa preocupação é explícita na prosa de Lima Barreto e representa um importante passo para a renovação modernista de 1922. Lima Barreto procurou "escrever brasileiro", com simplicidade.

➔ AUGUSTO DOS ANJOS (1884-1914): POESIA

Versos Íntimos

Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão – esta pantera –
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa vil mão que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!

➔ EUCLIDES DA CUNHA (1866-1909):

OS SERTÕES:

- ➔ Romance épico;
- ➔ Guerra de Canudos (1896-1897) – Bahia;
- ➔ Obra dividida em três partes: **a terra, o homem, a luta**;
- ➔ Barroquismos;
- ➔ Antônio Conselheiro.



CANUDOS: miséria, fanatismo e violência

A guerra de Canudos, ocorrida entre 1896 e 1897, foi um dos conflitos mais violentos da história brasileira, ocasionando a morte de 15 mil pessoas, entre sertanejos e militares.

O Nordeste brasileiro vivia nas últimas décadas do século XIX uma de suas piores crises econômicas e sociais. Entre 1877 e 1880, só em Fortaleza morreram 64 mil pessoas vitimadas pela seca. Quando foi proclamada a República, em 1889, uma nova seca ameaçava a população, cuja média de vida não ultrapassava os 27 anos.

Canudos, no sertão da Bahia, era inicialmente uma fazenda abandonada, onde se instalou o fanático religioso Antônio Maciel, conhecido como Conselheiro. Em pouco tempo, em torno do líder religioso formou-se uma cidade de pessoas miseráveis e abandonadas à própria sorte. A cidade, que passou a chamar-se Belo Monte, chegou a contar com cerca de 15 a 25 mil habitantes, população superada na época apenas pela de Salvador.

COMO COMEÇOU A GUERRA?

Antônio Conselheiro, em 1896, encomendou e pagou em Juazeiro uma remessa de madeira para a construção da Igreja Nova de Canudos. O juiz local impediu a entrega da encomenda, sendo então ameaçado pelos canudenses. O juiz pediu reforço militar de Salvador. Foram enviados 107 soldados, que não resistiram. A partir daí foram feitas mais duas investidas do Exército, também frustradas. A quarta e última investida contou com a participação de 10 mil soldados, vindos de dez Estados brasileiros. Idosos, crianças, mulheres e feridos foram violentamente massacrados, sob a força de canhões e armas pesadas.

Isolados, alheios a pagamentos de impostos e à oficialização da cidade junto ao Estado, seus moradores logo passaram a ter problemas com a Igreja e com as leis locais, o que originou o conflito.

Além disso, os sermões de Conselheiro não tratavam apenas da salvação das almas, mas também de problemas concretos, como a miséria e a opressão política. Talvez sem ter completa clareza do que falava, Conselheiro fazia críticas à República nascente, acusando-a de responsável pela condição do povo nordestino.

Embora Canudos tivesse uma organização social e econômica que se assemelhava ao comunismo primitivo dos cristãos, com todos trabalhando e dividindo igualmente os frutos do trabalho, o movimento passou a ser visto em todo o país como monarquista e considerado uma ameaça à soberania nacional. Suas verdadeiras causas, na época, não foram objeto de nenhuma discussão mais aprofundada.

OS SERTÕES: denúncia da violência

Durante o conflito, os militares mantiveram os jornalistas sob censura. O país recebia apenas a versão oficial da guerra: a luta da República contra focos monarquistas no sertão baiano. Terminada a guerra, as verdadeiras ações dos vencedores - degola de prisioneiros, tortura, prostituição, estupro e comércio de crianças - continuaram sendo encobertas.

A obra Os sertões, de Euclides da Cunha, publicada cinco anos depois do término do conflito, consiste em uma tentativa de rever a versão oficial da guerra de Canudos. Com sua obra, Euclides não pretendia apenas contar o que presenciara no sertão. Munido das teorias científicas vigentes - determinismo, positivismo e conhecimentos de sociologia e geografia natural e humana -, pretendia também compreender e explicar o fenômeno cientificamente.

A obra, portanto, constitui uma experiência única em nossa literatura: é uma narrativa com estilo literário, de fundo histórico (apesar do fato recente) e de rigor científico.

Adotando o modelo determinista, segundo o qual o meio determina o homem, a obra organiza-se em três partes:

→ **A TERRA:** uma detalhada descrição da região, respaldada em seus amplos conhecimentos das Ciências Naturais: a geologia, o clima (há um capítulo intitulado “*Hipóteses sobre a gênese das secas*”) e o relevo. Essa parte é ilustrada por mapas do relevo e da hidrografia feitos pelo próprio Euclides da Cunha.

→ **O HOMEM:** um elaborado trabalho sobre a etnologia brasileira: a ação do meio na fase inicial da formação das raças, a gênese dos mestiços; uma brilhante análise de tipos distintos, como o gaúcho e o jagunço; nesse cenário introduz a figura mística de Antônio Conselheiro. Ao falar sobre o homem do sertão, Euclides da Cunha criou um verdadeiro bordão: “**O sertanejo é, antes de tudo, um forte**”.

→ **A LUTA:** Só nesta terceira parte da obra Euclides relata o conflito; nas duas primeiras descreve o cenário e os personagens. Dessa forma, justifica a luta. Seu relato do dia-a-dia da guerra é a denúncia de um crime. Assim, Euclides da Cunha vai colocar-nos diante de um país diferente do que até então se costumava retratar: a um Peri, a uma Iracema, a um tupi de “I-Juca Pirama”, contrapõe o sertanejo, o jagunço, a “sub-raça”. Sem dúvida, “**o sertanejo é, antes de tudo, um forte**”, por conseguir sobreviver em condições tão adversas.

Colocando-se nitidamente a favor do sertanejo, Euclides da Cunha situa o fenômeno de Canudos como um problema social decorrente do isolamento político e econômico do Nordeste em relação ao resto do país. Assim, ele desmitificou a versão oficial do Exército, segundo a qual o movimento tinha a finalidade de destruir a República.

→ **LIMA BARRETO (1881-1922):**

TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA:

- Nacionalismo exacerbado;
- Revolta da Armada (1893);
- Pretendia reformar o Brasil pela:

- cultura
- agricultura
- política

- Tons caricaturais e quixotescos;
- Quaresma, Adelaide, Olga, Coleoni, Anastácio;
- Professor Ricardo Coração-dos-Outros.
- Subúrbio do Rio de Janeiro.



O escritor foi um dos poucos em nossa literatura que combateram o preconceito racial e a discriminação social do negro e do mulato. Essa abordagem está presente, por exemplo, nos romances *Clara dos Anjos*, *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* e no quase autobiográfico *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*.

Escreveu ainda um curioso romance, inacabado, resultado de suas observações e reflexões nas duas vezes em que esteve internado num hospício, por alcoolismo: *Cemitério dos vivos*.

TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA: entre o ideal e o real

Esse é o principal romance de Lima Barreto. Contextualizado no final do século XIX, no Rio de Janeiro, a obra narra os ideais e a frustração do funcionário público Policarpo Quaresma, homem metódico e nacionalista fanático.

Sonhador e ingênuo, Policarpo dedica a vida a estudar as riquezas do país: a cultura popular, a fauna, a flora, os rios, etc. Sua primeira decepção se dá quando sugere a substituição do português, como língua oficial, pelo tupi. O resultado é sua internação em um hospício.

Aposentado, dedica-se à agricultura no sítio Sossego, acreditando na fertilidade do solo brasileiro. Contudo, depara-se com uma dura realidade até então desconhecida: a esterilidade do solo, o ataque das saúvas, a falta de apoio ao pequeno agricultor.

Por fim, com a eclosão da Revolta da Armada, no Rio de Janeiro, Quaresma apoia o então presidente, Marechal Floriano Peixoto, e participa do conflito como voluntário. Assumindo o cargo de carcereiro, critica as

injustiças que vê serem praticadas contra os prisioneiros. Em razão dessas críticas, é preso e condenado ao fuzilamento por ordem do próprio Floriano, seu ídolo.

Além da descrição política do país nesse início da República, a obra traça um rico painel social e humano dos subúrbios cariocas na virada do século. Aposentados, profissionais liberais, moças casadoiras, carreiristas, músicos, donas de casa, o mulato - esse é o universo retratado por Lima Barreto em *Triste fim* ... Destacam-se, nesse conjunto, as personagens Ismênia, que, tendo sido educada para o casamento, enlouquece quando abandonada pelo noivo; Olga, sobrinha de Policarpo, que difere da maioria das mulheres por ser mais independente; e o violonista e cantor de modinhas Ricardo Coração-dos-Outros, amigo de Policarpo.

→ **MONTEIRO LOBATO (1882-1948):**

→ Criticou Anita Malfatti com o artigo: “*Paranoia ou Mistificação*”;

→ Lutou pela campanha do petróleo no Brasil.

Urupês, Cidades Mortas, Negrinha e Literatura Infanto-Juvenil.



Jeca Tatu: símbolo da preguiça e do fatalismo (sertão paulista).

Monteiro Lobato, paulista de Taubaté, foi um dos escritores brasileiros de maior prestígio, em consequência de sua atuação como intelectual polêmico e autor de histórias infantis.

Sua ação, além do círculo literário, estende-se também ao plano da luta política e social. Moralista e doutrinador, aspirava ao progresso material e mental do povo brasileiro. Com a personagem **Jeca Tatu** – um típico caipira acomodado e miserável do interior paulista -, por exemplo, Lobato critica a face de um Brasil agrário, atrasado e ignorante, cheio de vícios e vermes. Seu ideal de país era um Brasil moderno, estimulado pela ciência e pelo progresso.

De fazendeiro, Lobato passou ao ramo editorial, sendo um de seus fundadores em nosso país. Criou a **Monteiro Lobato & Cia.**, a primeira editora nacional, e mais tarde a Companhia Editora Nacional e a Editora Brasiliense.

Nacionalista, envolveu-se, na década de 1930, com a luta pela defesa das reservas naturais brasileiras, que vinham sendo inescrupulosamente exploradas por grandes empresas multinacionais. Com a publicação de *O escândalo do petróleo* (1936) denuncia o jogo de interesses que envolve a extração do petróleo e o envolvimento das autoridades brasileiras com os interesses internacionais. Em 1941, já durante a ditadura de Vargas, foi preso por ataques ao governo, provocando uma grande comoção no país inteiro.

A OBRA

Monteiro Lobato situa-se entre os autores regionalistas do Pré-Modernismo e destaca-se no gênero **conto**. O universo retratado por ele geralmente são os vilarejos decadentes e as populações do Vale do Paraíba na época da crise do plantio do café.

A respeito de suas principais obras, comenta o professor **Alfredo Bosi**:

Em Urupês [1918], predomina a preocupação de desenlaces deprimentes e chocantes: Lobato quis mesmo intitulá-lo Dez histórias trágicas. Já em Cidades mortas [1919], o desejo de reproduzir cenas e tipos vistos nos vilarejos decadentes do Vale do Paraíba força a nota da sátira local, emergindo caricaturas que têm lá a sua comicidade. Por fim Negrinha, que toma o título do conto inicial, é um livro heterogêneo onde reponta com maior insistência o documento social acompanhado do costumeiro sentimento polêmico e da costumeira vontade de doutrinar e reformar.

(*O Pré-Modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1973. p. 68-9.)

Escritor sem nenhuma pretensão de promover renovação psicológica ou estética, Lobato foi antes de tudo um extraordinário contador de histórias, de casos interessantes, preso ainda a certos modelos realistas. Dono de um estilo cuidadoso, não perdeu a oportunidade para criticar certos



hábitos brasileiros, como a cópia de modelos estrangeiros, nossa subserviência ao capitalismo internacional, a submissão das massas eleitorais, o nacionalismo ufanista cego, etc.

Apesar de sua abertura ideológica, do ponto de vista artístico mostrou-se conservador quando começaram a surgir as primeiras manifestações modernistas em São Paulo. Ficou famoso o seu polêmico artigo intitulado '**Paranoia ou mistificação?**', publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* em 1917. Nele Lobato criticou violentamente a exposição de **pintura expressionista de Anita Malfatti**, pintora paulista recém-chegada da Europa, considerando seu trabalho resultado de uma deformação mental.

A LITERATURA INFANTIL

Monteiro Lobato foi também um dos primeiros autores de literatura infantil em nosso país e em toda a América Latina. Personagens como **Narizinho**, **Pedrinho**, a **boneca Emília**, **Dona Benta**, **Tia Nastácia**, o **Visconde de Sabugosa** e o **porco Rabicó** ficaram conhecidas por inúmeras gerações de crianças de vários países.

Na década de 1970, as histórias da turma foram adaptadas para a tevê e levadas ao ar no programa seriado **O Sítio do Pica-pau Amarelo**, sendo reapresentadas nos anos 90. Tal qual no conjunto de suas obras, também na produção infantil Lobato aproveita para transmitir às crianças valores morais, conhecimentos sobre nosso país, nossas tradições, nossa língua.



→ ATIVIDADES → 1ª QUINZENA

1. **Pesquise e comente** sobre a postura de Monteiro Lobato frente a **Semana de Arte Moderna**.

2. Leia o conto "**Negrinha**", de Monteiro Lobato e responda as questões que seguem → **está em nossa plataforma o texto integral**.

2.a) Cite uma passagem do conto que atesta a resistência de D. Inácia em aceitar o fim da escravidão.

2.b) Qual é a figura de linguagem presente na frase: "**A excelente D. Inácia era mestra na arte de judiar crianças**".

2.c) A narrativa mostra uma postura senhorial que evoca o patriarcado do antigo regime, insatisfeito com os privilégios perdidos. Retire expressões que confirmem isso.

→ JOÃO SIMÕES LOPES NETO (1865-1916):

OBRAS: → **Contos Gauchescos e Lendas do Sul;**

→ **Casos do Romualdo;**

→ **Terra Gaúcha;**

→ **Cancioneiro Guasca.**



CONTOS GAUCHESCOS: → Linguagem regional sulina;

→ Narra a época da Rev. Farroupilha, das charqueadas;

→ **É o auge do pampa gaúcho – Blau Nunes;**

→ Mostra a coragem do homem gaúcho onde o meio age positivamente sobre o indivíduo.

"PATRÍCIO, apresento-te Blau, o vaqueano.

- Eu tenho cruzado o nosso Estado em caprichoso ziguezague. Já senti a ardência das areias desoladas do litoral; já me recriei nas encantadoras ilhas da Lagoa Mirim; fatiguei-me na extensão da coxilha de

Santana; molhei as mãos no soberbo Uruguai, tive o estremecimento do medo nas ásperas penedias do Caverá; já colhi malmequeres nas planícies do Saicã, oscilei sobre as águas grandes do Ibicuí: palmilhei os quatro ângulos da derrocada fortaleza de Santa Tecla, pousei em S. Gabriel, a forja rebrilhante que tantas espadas valorosas temperou, e, arrastado no turbilhão das máquinas possantes, corri pelas paragens magníficas de Tupanciretã, o nome doce, que no lábio ingênuo dos caboclos quer dizer os campos onde repousou a mãe de Deus ...

- Saudei a graciosa Santa Maria, fagueira e tranquila na encosta da serra, emergindo do verde-negro da montanha copada o casario, branco, como um fantástico algodoal em explosão de casulos."

TOME CUIDADO!!!

ARTIGOS DE FÉ DO GAÚCHO

Muita gente anda no mundo sem saber pra quê: vivem, porque veem os outros viverem.

Alguns aprendem à sua custa, quase sempre já tarde pra um proveito melhor. Eu sou desses.

Pra não suceder assim a vancê, eu vou ensinar-lhe o que os doutores nunca hão de ensinar-lhe por mais que queimem as pestanas deletreando nos seus livrões. Vancê note na sua livretta:

- 1º. Não cries guaxo: mas cria perto do teu olhar o potrilho pro teu andar.
- 2º. Doma tu mesmo o teu bagual: não enfrenes na lua nova, que fica babão; não arrendes na mingunte, que te sai lerdo.
- 3º. Não guasqueies sem precisão nem grites sem ocasião: e sempre que puderes passa-lhe a mão.
- 4º. Se és maturrango e chasque de namorado, mancas o teu cavalo, mas chegas; se fores chasque de vida ou morte, matas o teu cavalo e talvez não chegues.
- 5º. A maior pressa é a que se faz devagar.
- 6º. Se tens viajada larga não faças pular o teu cavalo; sai ao tranco até o primeiro suor secar; depois ao trote até o segundo; dá-lhe um alce sem terceiro e terás cavalo para o dia inteiro.
- 7º. Se queres engordar o teu cavalo, tira-lhe um pêlo da testa todas as vezes da raçã.
- 8º. Fala ao teu cavalo como se fosse a gente.
- 9º. Não te fies em tobiano, nem bragado, nem melado; pra água, tordilho; pra muito, tapado; mas pra tudo, tostado.
- 10º. Se topares um andante com os arreios às costas, pergunta-lhe - onde ficou o baio?...
- 11º. Mulher, arma e cavalo do andar, nada de emprestar.
- 12º. Mulher, de bom gênio; faca, de bom corte; cavalo, de boa boca; onça, de bom peso.
- 13º. Mulher sardenta e cavalo passarinho... alerta, companheiro!...
- 14º. Se correres equada xucra, grita,; mas com os homens apresilha a língua.
- 15º. Quando dois brincam de mão, o diabo cospe vermelho...
- 16º. Cavalo de olho de porco, cachorro calado e homem de fala fina... sempre de relancina...
- 17º. Não te apotres, que domadores não faltam...
- 18º. Na guerra não há esse que nunca ouviu as esporas cantarem de grilo...
- 19º. Teima, mas não apostes; recebe, e depois assenta; assenta, e depois paga...
- 20º. Quando 'stiveres pra embrabecer, conta três vezes os botões da tua roupa...
- 21º. Quando falares com homem, olha-lhe para os olhos; quando falares com mulher, olha-lhe para a boca... e saberás como te haver...

Que foi?

Ah! Quebrou-se a ponta do lápis?

Amanhã vancê escreve o resto: olha que dá para encher um par de tarcas!...

→ ATIVIDADES → 2ª QUINZENA

(Enem) Desde dezoito anos que o tal patriotismo lhe absorvia e por ele fizera a tolice de estudar inutilidades. Que lhe importavam os rios? Eram grandes? Pois que fossem... Em que lhe contribuiria para a felicidade saber o nome dos heróis do Brasil? Em nada... O importante é que ele tivesse sido feliz. Foi? Não. Lembrou-se das coisas do tupi, do folk-lore, das suas tentativas agrícolas... Restava disso tudo em sua alma uma satisfação? Nenhuma!Nenhuma!

O tupi encontrou a incredulidade geral, o riso, a mofa, o escárnio; e levou-o à loucura. Uma decepção. E a agricultura? Nada. As terras não eram férteis e ela não era fácil como diziam os livros. Outra decepção. E, quando o seu patriotismo se fizera combatente, o que achara? Decepções. Onde estava a doçura de nossa gente? Pois ele não a viu combater como feras? Pois não a via matar prisioneiros, inúmeros? Outra decepção. A sua vida era uma decepção, uma série, melhor, um encadeamento de decepções.

A pátria que quisera ter era um mito; um fantasma criado por ele no silêncio de seu gabinete.

BARRETO, L. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Disponível em WWW.dominiopublico.gov.br acesso em: 8 nov. 2011.

O romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, foi publicado em 1911. No fragmento destacado, a reação do personagem aos desdobramentos de suas iniciativas patrióticas evidencia que

- a) a dedicação de Policarpo Quaresma ao conhecimento da natureza brasileira levou-o a estudar inutilidades, mas possibilitou-lhe uma visão mais ampla do país.
- b) a curiosidade em relação aos heróis da pátria levou-o ao ideal de prosperidade e democracia que o personagem encontra no contexto republicano.
- c) a construção de uma pátria a partir de elementos míticos, como a cordialidade do povo, a riqueza do solo e a pureza linguística, conduz à frustração ideológica.
- d) a propensão do brasileiro ao riso, ao escárnio, justifica a reação de decepção e desistência de Policarpo Quaresma, que prefere resguardar-se em seu gabinete.
- e) a certeza da fertilidade da terra e da produção agrícola incondicional faz parte de um projeto ideológico salvacionista, tal como foi difundido na época do autor.

(Enem-2010)

NEGRINHA

Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.

Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças.

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, animada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma – “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo.

Ótima, a dona Inácia.

Mas não admita choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva.

[...]

A excelente dona Inácia era mestra na arte de jogar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos – e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo – essa indecência de negro igual

LOBATO, M. *Negrinha In: MORICONE. I. Os cem melhores contos brasileiros do século.*

Rio de Janeiro: objetiva. 2000 (fragmento)

A narrativa focaliza um momento histórico-social de valores contraditórios. Essa contradição infere-se, no contexto, pela

- a) falta de aproximação entre a menina e a senhora, preocupada com as amigas.
- b) receptividade da senhora para com os padres, mas deselegante para com as beatas.
- c) ironia do padre a respeito da senhora, que era perversa com as crianças.

d) resistência da senhora em aceitar a liberdade dos negros, evidenciada no final do texto.

e) rejeição aos criados por parte da senhora, que preferia tratá-los com castigos.

→ Antônio Conselheiro há vinte e dois anos, desde 1874, era famoso em todo o interior do Norte e mesmo nas cidades do litoral até onde chegavam, entretecidos de exageros e quase lendários, os episódios mais interessantes de sua vida romanesca; dia a dia ampliara o domínio sobre as gentes sertanejas; [...] fundara o arraial de Bom Jesus, quase uma cidade; de Chorrochó à Vila do Conde, de Itapicuru a Jeremoabo, não havia uma só vila, ou lugarejo obscuro, em que não contasse adeptos fervorosos; insurgira-se desde muito, atrevidamente, contra a nova ordem política e pisara, impune, sobre as cinzas dos editais das câmaras de cidades que invadira; destroçara completamente, em 1893, forte diligência policial, em Macete, e fizera voltar outra, de oitenta praças de linha, que seguira até Serrinha; em 1894, fora, no Congresso Estadual da Bahia, assunto de calorosa discussão na qual impugnando a proposta de um deputado, chamando a atenção dos poderes públicos para a "parte dos sertões perturbada pelo indivíduo Antônio Conselheiro", outros eleitos do povo, e entre eles um sacerdote, apresentaram-no como benemérito do qual os conselheiros se modelavam pela ortodoxia cristã mais rígida; fizera voltar, abortida, em 1895, a missão apostólica planeada pelo arcebispo baiano, e no relatório alarmante a propósito escrito por Frei João Evangelista afirmara o missionário a existência, em Canudos [...] de mil homens, mil homens robustos e destemerosos "armados até aos dentes"; por fim, sabia-se que ele imperava sobre extensa zona dificultando o acesso à cidadela em que se entocara, porque a dedicação dos seus sequazes era incondicional, e fora do círculo dos fiéis que o rodeavam havia, em toda a parte, a cumplicidade obrigatória dos que o temiam ... [...]

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. 39. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves; São Paulo: Publifolha, 2000. p. 190-191. (Fragmento).

No final do século XIX, a figura messiânica de Antônio Conselheiro conseguiu reunir um grande número de fiéis que se fixaram em um povoado no sertão baiano, posteriormente destruído por forças oficiais da jovem República brasileira. Com base no fragmento, infere-se que o principal motivo do ataque militar que seria feito contra Antônio Conselheiro (e seus seguidores) foi o fato de que ele

- a) "era famoso em todo o interior do Norte".
- b) "fundara o arraial de Bom Jesus".
- c) "insurgira-se contra a nova ordem política".
- d) "destroçara forte diligência policial".
- e) "se modelava pela ortodoxia cristã mais rígida".

(FURG-2010) Leia o excerto a seguir, de *Contos Gauchescos*, de João Simões Lopes Neto:

“ – Eu tenho cruzado o nosso Estado em caprichoso ziguezague. Já senti a ardência das areias desoladas do litoral; já me recreei nas encantadoras ilhas da lagoa Mirim; fatiguei-me na extensão da coxilha de Santana; molhei as mãos no soberbo Uruguai, tive o estremecimento do medo nas ásperas penedias do Caverá; já colhi malmequeres nas planícies do Saicã, oscilei sobre as águas grandes do Ibicuí; palmilhei os quatro ângulos da derrocada fortaleza de Santa Tecla, pousei em S. Gabriel, a forja rebrilhante que tantas espadas valorosas temperou, e, arrastado no turbilhão das máquinas possantes, corri pelas paragens magníficas de Tupaceretã, o nome doce, que no lábio ingênuo dos caboclos quer dizer os campos onde repousou a mãe de Deus...”.

Este é um trecho narrado por:

- a) Blau Nunes, na introdução do livro.
- b) Bento Gonçalves, no conto “O duelo dos farrapos”.
- c) Romualdo, no conto “Trezentas Onças”.
- d) Bonifácio, no conto “O Negro Bonifácio”.
- e) Binga Cruz, no conto “Penar de velho”.

→ A questão → de “Os Sertões” é modelo ENEM, pois estabelece relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.

Um grande abraço!
Profª. Luciane